

## **A compreensão da educação diante das desigualdades socioespaciais na pandemia de Covid-19: uma memória em minicontos a partir da percepção de estudantes e professores.**

Understanding education in the face of socio-spatial inequalities in the Covid-19 pandemic: a memory in mini-tales based on the perception of students and teachers.

La comprensión de la educación frente a las desigualdades socioespaciales en la pandemia de Covid-19: un recuerdo en minicuentos desde la percepción de estudiantes y profesores.

Recebido: 27/11/2021 | Revisado: 04/12/2021 | Aceito: 05/12/2021 | Publicado: 14/12/2021

**Cintielena Holanda Costa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6672-6275>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: [cintielenahcosta@aluno.unilab.edu.br](mailto:cintielenahcosta@aluno.unilab.edu.br)

**Cyntia Maria Silva Vasconcelos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1929-7716>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil

E-mail: [cyntiavasconcelos@aluno.unilab.edu.br](mailto:cyntiavasconcelos@aluno.unilab.edu.br)

**Andréa Moura Da Costa Souza**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1059-0756>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: [andrea.souza@ifce.edu.br](mailto:andrea.souza@ifce.edu.br)

**Anna Érika Ferreira Lima**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8290-9802>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil

E-mail: [annaerika@ifce.edu.br](mailto:annaerika@ifce.edu.br)

### **Resumo**

A educação é um ato de amor e, conseqüentemente de sensibilidade e empatia, embora o método tradicional ainda prevaleça nas salas de aula do Brasil, isso não significa que a afetividade deva se fazer ausente no processo de ensinar e aprender. A realidade nos mostra um país de diversidade, mas também de desigualdade e, este cenário se evidenciou com mais força durante a pandemia de Covid-19. Neste sentido, este artigo tem por objetivo compreender de que forma a memória dos educandos e dos professores refletida em minicontos demonstra a resistência da educação diante das desigualdades socioespaciais da pandemia causada pelo coronavírus (Covid-19). Como metodologia foi utilizada a escrita de memórias sobre a realidade educacional no período da pandemia, expostas e manifestadas em minicontos por estudantes e professores de uma escola pública do município de Fortaleza-CE. Os relatos demonstram que as desigualdades socioespaciais afetam de forma brutal a educação das classes mais vulneráveis, pois revelam dificuldades de acesso ao ensino remoto, seja por falta de recursos tecnológicos e/ou internet, ainda precisam lutar com o desemprego, a fome, a violência doméstica, a doença, o medo, a ansiedade e o luto.

**Palavras-chave:** Educação; Pandemia; Desigualdades socioespaciais; Memória.

### **Abstract**

Education is an act of love and, consequently, of sensitivity and empathy, although the traditional method still prevails in classrooms in Brazil, this does not mean that human training should be absent from the process of teaching and learning. Reality shows us a country of diversity, but also of inequality, and this scenario was more evident during the Covid-19 pandemic. In this sense, this article aims to understand how the memory of students and teachers reflected in mini-tales demonstrates the resistance of education in the face of socio-spatial inequalities caused by the pandemic caused by the coronavirus (Covid-19). The methodology used was the writing of memories about the educational reality during the pandemic period, exposed and manifested in mini-tales by students and teachers of a public school in the city of Fortaleza-CE. The reports show that socio-spatial inequalities brutally affect the education of the most vulnerable classes, as in addition to the difficulties in accessing remote education, whether due to lack of technological resources and/or internet, they still need to deal with unemployment, hunger, domestic violence, illness, fear, anxiety and grief.

**Keywords:** Education; Pandemic; Socio-spatial inequalities; Memory.

## Resumen

La educación es un acto de amor y, en consecuencia, de sensibilidad y empatía, aunque el método tradicional todavía prevalezca en las clases de Brasil, esto no significa que la formación humana deba estar ausente del proceso de enseñanza y aprendizaje. La realidad nos muestra un país de diversidad, pero también de desigualdad, y este escenario se hizo más evidente durante la pandemia de Covid-19. En este sentido, este artículo tiene como objetivo comprender cómo la memoria de estudiantes y docentes reflejada en minicuentos demuestra la resistencia de la educación ante las desigualdades socioespaciales de la pandemia provocada por el coronavirus (Covid-19). La metodología utilizada fue la redacción de memorias sobre la realidad educativa durante el período pandémico, expuestas y manifestadas en minicuentos por estudiantes y docentes de una escuela pública de la ciudad de Fortaleza-CE. Los relatos muestran que las desigualdades socioespaciales afectan brutalmente la educación de las clases más vulnerables, ya que además de las dificultades para acceder a la educación a distancia, sea por falta de recursos tecnológicos y/o de internet, aún deben luchar con el desempleo, el hambre, la violencia doméstica, la enfermedad, el miedo, la ansiedad y el luto.

**Palabras clave:** Educación; Pandemia; Desigualdades socioespaciales; Memoria.

## 1. Introdução

Nos últimos anos a dinâmica socioespacial do Brasil passou por profundas transformações. A pandemia causada pelo coronavírus (Covid-19), que assombrou o mundo desde 2020 e prosseguiu em 2021, aprofundou demasiadamente os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais do povo brasileiro. Vários foram os segmentos da sociedade que tiveram suas rotinas interrompidas pelo avanço do vírus Sars-Cov-2, dentre elas, a educação. Neste momento de escrita, conforme as fontes oficiais, o número de mortes ultrapassam 612 mil casos. Os números aqui expressos demonstram que a proposta das *Hashtags* “vida normal”, “vai dar certo”, “estamos no mesmo barco”, entre outras, está equivocado por diversas razões que iremos refletir no trabalho.

A situação pandêmica demonstrou desafios ainda maiores no atendimento às demandas do processo de ensino e aprendizagem. As aulas presenciais foram suspensas e a rotina de estudos se desorganizou. Foram aproximadamente dezoito meses de ensino remoto, e dentro desse período, uma série de questões sociais, políticas e econômicas transformaram o cenário educacional do país, fazendo-se necessário, em muitos momentos o questionamento, a discussão, a reivindicação e a resistência de vários grupos envolvidos nesse processo, já que a situação trouxe à tona a necessidade de experimentar um novo estilo de ensinagem, termo que submergiu anteriormente a pandemia e que na concepção de Anastasiou; Alves (2004), favorece um grupo, excluindo socialmente o outro, esta situação de exclusão do acesso à educação que a sociedade deparou-se durante esse período e que prolonga-se por tempo indeterminado.

A exclusão social apresentou-se pela falta de equipamentos eletrônicos, a dificuldade de acesso à internet, a limitação física para estudo nas residências, concomitantemente outros problemas como: a violência doméstica, o trabalho infantil, o abuso sexual, além da fome, ocasionada pelo desemprego e as mortes dos familiares tornando muitas dessas crianças órfãos foram fatores que agravaram e contribuíram para a violação do direito à educação de milhares de educandos no Brasil. Este cenário se fez presente nas cinco regiões do país, porém em cada uma delas o “palco” e os “atores” eram os mesmos, alunos de escolas públicas.

Embora a educação tenha sofrido prejuízos incalculáveis, ela também conseguiu resistir e se reinventar de um modo rápido e geral, inclusive na escola pública. Muitas são as histórias contadas Brasil afora. Professores superaram as dificuldades do mundo virtual, criaram grupos de mensagens para não perder o vínculo com os alunos, cruzaram os limites de suas casas para entregar tarefas impressas aos que não tem acesso aos recursos tecnológicos, enfrentaram o medo causado pelos perigos do vírus Sars-Cov-2 para garantir o ensino e cumprir seu papel de sujeito social.

É nesse contexto que surge a motivação para pesquisar sobre a temática proposta, relacionada à vivência educacional em uma escola pública durante o período pandêmico que iniciou-se em 2019, na qual a comunidade escolar teve que enfrentar o isolamento social e os transtornos afetados pela pandemia; professores tiveram que planejar, ensinar e avaliar considerando a

realidade atual e social dos seus estudantes e; garantir, superando seus limites, que o conhecimento fosse adquirido de forma efetiva dentro dos cenários de ausência de recursos tecnológicos, fome, violência, luto e morte vivenciados por muitas famílias durante esse período pandêmico.

Mediante as situações expostas, este trabalho se debruçou sobre a memória, realizada através de minicontos, de estudantes e professores, dedicando-se à análise da memória viva como técnica de conhecer, retratar e reconhecer as desigualdades socioespaciais nos entrelaces vividos na educação durante a pandemia de Covid-19.

A memória será aqui fonte de pesquisa, principalmente, dando voz àqueles que foram de alguma maneira silenciados ou ainda mais esquecidos pela política segregadora e negacionista nesse período pandêmico. Ferreira (2015, p. 7) diz que, “a memória é fonte de história e, ao mesmo tempo, instrumento de subversão, de resistência.” Ela será contada a partir das experiências e vivências de alunos e professores da escola pública.

Para isso o presente estudo utilizou-se da seguinte problemática: de que forma a memória dos educandos e dos professores, de uma Escola Municipal em Fortaleza - Ceará, refletida em minicontos demonstra a resistência da educação diante das desigualdades socioespaciais da pandemia de Covid-19, no período entre abril de 2020 e agosto de 2021?

Partindo do referido questionamento, o objetivo geral da pesquisa é compreender de que forma a memória dos educandos e dos professores refletida em minicontos demonstra a resistência da educação diante das desigualdades socioespaciais da pandemia de Covid-19.

Ainda, para uma melhor compreensão do tema proposto, buscou-se utilizar como metodologia, além do estudo dos minicontos, uma análise qualitativa, tendo como base a pesquisa bibliográfica, utilizando-se de literatura escrita e digital já publicadas, bem como o levantamento de notícias jornalísticas com fontes verificáveis.

Para embasamento teórico e diálogo com as ideias aqui discutidas serão contemplados os seguintes estudiosos: Gaia (2020) com o tema segregações; sobre situações reais do cotidiano, Schappo (2021); Alarcão (2021) e Santos (2020) abordam sobre o cenário pandêmico da Covid-19 e seus impactos na vida social dos sujeitos; Fialho, Vasconcelos e Xavier (2018) serão referência na temática memória; para compreender sobre contos e minicontos Antunes (2003); Freire (2001, 2006 e 2007) com seu pensamento sobre educação humana e igualitária e; também sobre educação, mas já no contexto pandêmico Galvão e Saviani (2001).

As reflexões geradas a partir desse movimento investigativo serão apresentadas neste trabalho com o intuito analisar sobre as desigualdades socioespaciais vivenciadas no contexto educacional durante a pandemia do coronavírus, considerando a resistência e formação crítica-reflexiva dos sujeitos envolvidos no que diz respeito às experiências e desafios que surgem na educação pública.

## **2. Metodologia**

O estudo realizado é de abordagem qualitativa e foi realizado com docentes e discentes de uma escola da rede municipal de Fortaleza, Ceará. O grupo se compôs de vinte e seis atores com trajetórias socioescolares diferenciadas. Destes, sete são docentes da área de linguagens ou ciências humanas e dezenove, são alunos que cursam o oitavo ou o nono ano. Na compreensão de Goldemberg (2004), a pesquisa de abordagem qualitativa não se preocupa com números, mas com a compreensão e aprofundamento do grupo pesquisado.

Para levantamento e análise dos dados foram escolhidos sete minicontos dos vinte e seis recebidos, sendo 04 de docentes e 03 de discentes, tendo em vista a relação dos relatos com o objetivo da pesquisa. Cabe destacar também que a apresentação dos minicontos foi feita em recorte, dando destaque aos pontos que mais expressam a realidade no que diz respeito ao desemprego, a fome, a tristeza, ao medo, a falta de acesso aos recursos tecnológicos e internet comprometendo a educação e, ao luto.

Destarte, privilegiou-se um recorte espacial delimitado ao local, uma Escola Municipal de Fortaleza, Ceará, permitindo pensar, apropriar e discutir sobre as experiências de um determinado grupo, o que não significa que as memórias aqui registradas não estejam relacionadas com o que foi vivido no espaço regional, nacional ou global durante a pandemia de Covid-19. Delimitou-se ainda, o recorte temporal, que dedicou-se às experiências vividas no período de abril de 2020 a agosto de 2021. A construção dos minicontos foi realizada durante todo o mês de setembro de 2021.

No início da construção algumas orientações para a elaboração desse gênero literário foram reforçadas, como concisão, narratividade, ação e personagens. A maior parte dos diálogos entre as pesquisadoras e os sujeitos da pesquisa aconteceram de forma remota, através da ferramenta *Whatsapp*, já que o retorno presencial das atividades escolares ainda não tinha se estabelecido totalmente para docentes e discentes.

A escolha do miniconto, para a análise e aprofundamento da pesquisa, se deu partindo do princípio de que a atividade da escrita é uma atividade de expressão, manifestação das ideias, crenças e sentimentos (Antunes, 2003) relacionada ao estímulo à escrita e a particularidade de cada sujeito envolvido na pesquisa. Apesar da associação ao minimalismo, o miniconto não se limita apenas em contar uma história de forma reduzida, mas também despertar atenção para uma crítica social e aguçar a reflexão a respeito de um determinado assunto (Santos, 2016).

Partindo da ideia de expressão e manifestação, o miniconto também foi pensado por subsidiar possibilidades de apresentação da identidade dos sujeitos e resgate da memória, o que Fialho, Vasconcelos e Xavier (2018) consideram como reconhecimento das histórias de vida. Para os autores, a memória "é capaz de manter sempre a proteção das lembranças, dando sobrevivência à musa de Clío<sup>1</sup>, a História". (Fialho et al., 2018, p. 106).

Partindo do pensamento dos autores, os minicontos foram utilizados como ferramenta interdisciplinar e dinâmica para coleta de dados que expressassem as vivências dos sujeitos pesquisados, partindo do momento atual e sentimentos advindos da pandemia e relatados em formato de história, principalmente de vida.

Para embasar o trabalho foi utilizada também a pesquisa bibliográfica realizada através de literaturas impressas e digitais sobre os temas aqui apontados e, que para Gil (2019, p. 28) a principal vantagem desse tipo de pesquisa "é o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente".

No tratamento dos dados utilizou-se as informações obtidas na totalidade dos minicontos. Os esforços convergiram para compreender o cenário econômico, político e social durante a pandemia de Covid-19 vivida pelos sujeitos da investigação. Parte do trabalho produzido pelos investigados serão disponibilizados na etapa seguinte dessa pesquisa, permitindo a análise e a apropriação da dinâmica do objeto estudado. Passemos, assim, à exposição e análise dos minicontos.

### **3. Educação na Pandemia de Covid-19: Sobrevivência, Luta e Resistência**

A narração das memórias em minicontos são vivências intensas de autoconhecimento, luta, descoberta, exclusão e ao mesmo tempo, inclusão. É um formato de testemunho, que não ecoa apenas a voz de quem conta, mas que representa a linguagem de diferentes grupos afetados pela pandemia, nos remetendo à discussão sobre desigualdades sociais em determinado tempo e espaço, com diferentes elementos históricos, sociais e políticos.

Conforme Fialho et al. (2018, p. 174) "a História e a Memória são recursos indispensáveis para proporcionar sentido e compreensão da vida no/do mundo às pessoas, visando à transformação social sempre em busca da felicidade". A narração em minicontos, portanto, não se torna uma mera atividade, mas a busca por reconhecer a si próprio, seu lugar enquanto sujeito social e transformação da realidade.

---

<sup>1</sup> Na mitologia grega, Clío era filha de Zeus, o deus da ordem, e Mnemósine, a deusa da memória. Clío virou símbolo de todos os elementos utilizados como matéria-prima para a história, virando assim, a musa da história.

Assim, na busca por atender o objetivo geral desta pesquisa, que visa compreender de que forma a memória dos educandos e dos professores refletida em minicontos demonstra a resistência da educação diante das desigualdades socioespaciais da pandemia de Covid-19, trazemos aqui fontes vivas, com o intuito de mostrar a importância do registro histórico dessas narrativas a partir de sujeitos que vivenciaram a pandemia em diferentes posições políticas e sociais ligados através da educação.

Os participantes da pesquisa concordaram com a transcrição das suas narrativas escritas, inclusive os responsáveis pelos menores, mas tomamos como forma de precaução conservar o anonimato dos entrevistados, tendo os nomes verdadeiros substituídos por nomes fictícios. Assim, escolhemos plantas típicas da Caatinga para fazer uma analogia à resistência que essas plantas possuem aos períodos secos, à presença da ação humana e à falta de atenção por parte dos governantes e sociedade em geral.

Neste trabalho, resolvemos apresentar fragmentos dos minicontos, porém o suficiente para compreensão da análise como um todo. Através dos relatos, ficaram evidentes os seguintes resultados: a) surgimento de uma consciência histórica; b) desigualdade socioespacial no estudo remoto.

Escancarando as invisibilidades que já existiam no país, a pandemia atingiu demasiadamente os grupos sociais mais vulnerabilizados, resultando em exclusão, desvantagens e desigualdades. Para Gaia (2020, p.95), “a trajetória histórica, política e social do cidadão no Brasil está entrelaçada com as relações de raça e as questões do racismo”, explicando grande parte das desigualdades e segregações que vive o país. Seguindo essa mesma reflexão, Soja (2008, p.1-2) afirma que, “o lugar de residência de uma pessoa já determina grande parte de suas oportunidades e condições. [...] Essas estruturas socioespaciais encaminham para uma injusta distribuição de todo tipo de bens, como acesso a condições básicas de habitat, serviços públicos, infraestrutura, educação, trabalho.”

Não ter o mínimo para a sobrevivência, foi o que mais se escutou e se leu nas mensagens enviadas por alunos e seus familiares aos professores. O ambiente familiar, por mais que fosse necessário nesse momento, por questões sanitárias, não era o local mais tranquilo para se viver durante a pandemia para muitos alunos da escola pública. A professora, aqui nomeada Carnaúba, relatou o que se vivenciou repetidamente a tragédia que “batia” e entrava rapidamente nas casas dos nossos alunos.

Por falar em não sair, meus pais estão sem trabalhar. Já escutei a mãe perguntando ao pai o que vamos comer. Ele passa a mão na cabeça, franze a testa. Meu pai é o mais alegre da família. Pra ele sempre está tudo bom. A mãe é mais estressada, agora então! Tenho visto meu pai de cara fechada, pensativo, triste mesmo. Também! É barra ter um povo que depende de você pra tudo. Já vi a mãe chorando várias vezes. Só uma patroa da mãe que tá mandando umas comidas pra nós e outra que dá um dinheiro. Ouvi a mãe dizer que é a metade da diária. Ela agradece demais. São patroas antigas, desde que ela casou. (Docente Carnaúba Relatando O Desabafo De Um Discente).

Diante das palavras acima relatadas, revisitamos Paulo Freire (2007, p.76) que nos traz palavras tão atuais quando diz que “o mundo não é, o mundo está sendo”. O infortúnio da pandemia causada pelo coronavírus (Covid-19) transformou e ainda transforma o macro e o micro social, aumentando o estresse, a ansiedade, a fome, o medo e o empoderamento de muitos violentadores, fazendo a relação intrafamiliar ficar mais crítica e vulnerabilizando as condições de estudo de crianças e adolescentes.

A fome, por exemplo, é um dos maiores desafios para o desenvolvimento estudantil, pois compromete a aprendizagem. Para Schappo (2021), a violação do “direito humano à alimentação envolve não apenas a falta de renda ou da disponibilidade de alimentos, mas de vários outros fatores, como [...] a falta de condições de saúde ou de habitação”. O grande perfil encontrado na comunidade da escola pública é de pessoas que precisam sair de casa para trabalhar, e sobre isso Santos (2020) destaca a orientação da OMS de que, no período pandêmico, as pessoas trabalhem em casa e em autoisolamento, para o autor esta ação é impraticável para muitos trabalhadores, pois os obriga a escolher entre ganhar o pão diário ou ficar em casa e

passar fome, o que acarreta em preocupações e conseqüentemente na mudança de comportamentos causada pelos fatores advindos da pandemia e que impactam psicologicamente o ser humano e sua sobrevivência.

Inúmeras situações ocasionadas pela pandemia remetem reflexões relevantes, já que “[...] o mundo foi violentamente assolado pela pandemia Covid-19 e tremeu nos seus alicerces, ora desabando, ora aguentando-se e até renovando-se. Em alguns aspectos reinventou-se, mas deixou descoberto muitas fragilidades sanitárias, econômicas e sociais”. (Alarcão, 2021, p. 12).

Fragilidades essas perceptíveis ao ouvir notícias e relatos e ao vivenciar e ver as escolas fechadas, os professores aprendendo a usar novas práticas de ensino, a falta de equipamentos eletrônicos para docentes e discentes, as famílias sem suas rendas, os espaços de lazer sem poder ser mais frequentados, o luto que assolou milhares de brasileiros e o confinamento dentro de uma casa com todos os membros da família, criou uma barreira para o desenvolvimento escolar desses sujeitos, impedindo-os de assistir aulas remotas e em muitos casos deixados para trás, já que a comunicação entre professores e alunos no início da pandemia passou a ser apenas por mensagens nas redes sociais. Caroá, concisa em suas palavras, refletiu sobre os desencontros, as incertezas e as angústias que a pandemia causou.

De repente, a cidade parou. Ruas desertas, escolas vazias. Me deparei com tudo 'novo'. Tive que me reinventar: tecnologia, distanciamento, insegurança, mudança na rotina, medo. Medo do 'novo'. Cumprimentos contidos, sorrisos cobertos, aplicativos, câmeras desligadas... Internet limitada. E o acesso? Nem todos possuíam. Como suprir tantas necessidades? Evasão, busca ativa por alunos, incertezas, angústias. 'Novo normal'. Vida que segue. (Docente Caroá).

Era a falta de acesso para uns, a internet limitada para outros e câmeras desligadas para os que apareciam. A “vida que segue”, como escreveu Caroá, foi um dos termos mais utilizados durante esse período, o que significa que alguns se perderam no “meio do caminho” ou não apareceram, significa que por mais que seja uma situação de crise mundial, que coloca em jogo a vida e a sobrevivência, não dá para parar e colocar em risco o mínimo de interação que já havia sido construído com alguns através das redes sociais.

Assim como a *Hashtags* “vida que segue”, também foram utilizadas: “vai dar certo”, “vai passar”, “estamos no mesmo barco”, frases estas que de princípio parecem motivacionais para a continuidade de uma luta coletiva contra o vírus, mas que esquecem de todos os sintomas devastadores. “Vai dar certo” e “Vai passar” pra quem? Com certeza não será para a família que perdeu um ente querido. “Vai dar certo” e “Vai passar” quando? Para quem passa fome, para quem está sem estudar por falta de recursos, para quem está desempregado, para quem está sendo agredido dentro da própria casa, entre tantas outras situações, essas *hashtags* não demonstra nenhum sentido, já que durante a pandemia e a realidade cruel que ela traz faz com que a esperança navegue pelo mesmo mar, mas em barcos diferentes.

Ainda tendo por base a ideia de Caroá, a professora Bromélia nos trouxe em seu miniconto, uma narrativa crítica ao ensino e ao aprendizado vivido por discentes da escola pública. São reflexões que colocam em questionamento a garantia do direito à educação e o princípio da prioridade absoluta.

[...] desconexão entre o discurso e a realidade para o aluno da escola pública. Jovens carentes de feijão, arroz, sabão, saneamento básico, moradia decente, dados móveis e letramento digital. Envergonhados de mostrar a casa só no tijolo, de mostrar sua miséria pela tela do celular, câmeras fechadas, ouvidos nem sempre atentos, irmãos menores chorando, o som do vizinho barulhento. Pandemia da desigualdade, da morte, do (des)governo, da intolerância, da fome, do desemprego, da casa habitada por muitos, sem distanciamento. Quisera fosse tudo um pesadelo, mas não, é a realidade dos que vivem de auxílio, da doação, no abandono, na invisibilidade social. [...] (Docente Bromélia).

Parecia mesmo um pesadelo. Mas, o que se viu e presenciou foram decretos que visavam o bloqueio de verbas no orçamento da educação, como foi o caso do Decreto Federal Nº 10.686, de 22 de abril de 2021 que bloqueou dotação orçamentária de várias pastas, dentre elas a educação, no montante de R\$ 2.728.636.813, foi a morosidade na entrega de

equipamentos eletrônicos e a negligência do acesso à distribuição de renda para o mínimo de dignidade de crianças, adolescentes e suas respectivas famílias, se viu /vê também o negacionismo à ciência, à educação, ao cultural e ao social. “[...] Celular? Nunca tinha estudado por ele. De uma hora para outra precisava de um e não tinha. Depois consegui, mas não havia memória. Nada adiantou.” Esse é o trecho da memória contada pela discente Mandacarú, que cursa o 8º ano. Relatos assim foram registrados inúmeras vezes, alguns casos eram solucionados com a entrega de atividades xerocadas ou indicação das páginas de livros, mas para outros a solução não chegava e a desistência acontecia.

Mesmo com tanta violação aos direitos fundamentais, a educação resistiu e se fez presente em condições sociais e espaciais precárias e desumanas. Jericó, discente do 9º ano, presenciou uma cena de violação ao princípio da dignidade humana e de forma realista transformou em um miniconto.

Já era noite, em um sábado! Eu e minha família estávamos de carro indo para igreja, no caminho nós paramos em um farol ao lado de um viaduto, já era mais ou menos umas 7 horas da noite. Eu olhei para o lado e vi uma menina, que deveria ter uns 14 anos, uma mulher e um homem juntos sentados em volta de uma fogueira. A menina estava com um caderno e uma caneta escrevendo. E então, o farol abriu e seguimos em frente, mas essa cena não saiu mais da minha cabeça. [...] (Discente Jericó).

Cenários assim, talvez Jericó e outros discentes, já tivessem visto, mas pela fragilidade emocional, pelas desigualdades sentidas diariamente e os relatos contados em sala de aula, tenha sido mais fácil perceber cenas iguais a essa. Esse cotidiano quando discutido em sala de aula cria uma consciência crítica e histórica para esses sujeitos. É nessa perspectiva que Silva relaciona a didática com a realidade educacional e por isso o autor percebe. “[...] a importância de uma didática comprometida com a ação de ensino-aprendizagem contextualizada no mundo da cultura dos sujeitos envolvidos. Um processo de ensino-aprendizagem significativo no qual os indivíduos se apropriem do sentido da existência. Uma didática que vá além do mero instrumental técnico de regras de ensinar a aprender. (Silva, 2011, p.63).

Esse aprendizado sobre a realidade vivida pelos educandos, através de uma consciência histórica, foi ainda mais forte durante a pandemia, porque passamos a refletir e a questionar os nossos direitos. A educação é um direito de todos, mas o acesso fica para quem recebe recursos. Nesse sentido,

A educação para os direitos humanos, na perspectiva da justiça, é exatamente aquela educação que desperta os dominados para a necessidade da briga, da organização, da mobilização crítica, justa, democrática, séria, rigorosa, disciplinada, sem manipulações, com vistas à reinvenção do mundo, à reinvenção do poder. [...] essa educação tem que ver com uma compreensão diferente do desenvolvimento, que implica uma participação, cada vez maior, crescente, crítica, afetiva, dos grupos populares (Freire, 2001, p. 99).

Infelizmente mais uma vez a classe dominante do país saiu na frente quando a questão foi a educação, segundo o IBGE: “4,3 milhões de estudantes brasileiros entraram na pandemia sem acesso à internet, esse dado reforça desigualdade no ensino a distância entre estudantes das redes pública e privada” (Folha de São Paulo, 2021). Reforçando este dado, a Revista Nova Escola apresentou relatos de três professoras da escola pública que destacam a desigualdade e além disso, a desmotivação dos alunos para continuarem os estudos: “Nesta região, por ser periferia, a escola é um espaço de encontro, e isso faz muita falta para os alunos. Eles ficaram desestimulados” (Professora 01). “Para quem já tinha familiaridade com a tecnologia foi ótimo, mas muitos se sentiram perdidos. Tenho colegas que são excelentes professores, mas não conseguiram se adaptar e ficaram desestimulados” (Professora 02). “É uma adaptação do que é possível. Deixa muito a desejar, porque, se o aluno tem apenas um celular minúsculo, não é um chip de internet que vai mudar a situação, ele não tem o material necessário” (Professora 03). (Nova Escola, 2021).

Por mais que grupos populares, professores e a sociedade em geral tenham feito inúmeras campanhas para que todos tivessem acesso ao ensino e o mínimo de interação com a escola, o ensino esteve longe de ser alcançado por quem não tinha o básico, um celular e a internet. E ainda assim, a escola pública lutou para resistir a esse período, e muitos atos como o da professora Aroeira, demonstrado a seguir, foram símbolos de reinvenção da educação pública e democratização do ensino. Deixar registrado a memória de dias difíceis é possibilitar diálogos futuros mais críticos e reflexivos.

Era a primeira segunda-feira das aulas remotas na escola. Dia de planejar aula para os dias seguintes. Computador e internet funcionando, plaquinha na porta dizendo, estou na aula. Parecia que seria rápido, mas durou uma manhã, uma tarde e uma longa madrugada. Cria, edita e apaga em repetidas vezes. Enfim, o vídeo foi criado e compartilhado. Vinte e cinco pessoas visualizaram. (Docente Aroeira)

A aluna não tinha dados móveis para assistir aula no início da pandemia. O celular era do pai e só dava para trocar mensagens. Às 18:00 começava a escrever o resumo da aula para ela e no dia seguinte, também no mesmo horário, ela enviava a atividade realizada. (Docente Aroeira)

Transformar o quarto em sala de aula, responder mensagens na madrugada, compartilhar diferentes formas de acesso, comprar aparelhos eletrônicos, melhorar a internet, misturar a rotina do trabalho com a rotina pessoal, foram movimentos realizados por professores de diferentes regiões do Brasil. A educação se reinventou, mas a escola pública ainda vai demorar a superar as perdas, porque não é uma questão apenas da relação escola e aluno. O ensino e a aprendizagem serão superados quando também a moradia e o sustento da família não forem mais preocupações, quando crianças e adolescentes tiverem acompanhamento psicológico e assistencial. Alarcão reforça essa realidade quando diz que

Algumas crianças sentem de forma acentuada a falta do afeto das educadoras; outras perdem a oportunidade de ter uma nutrição adequada na escola e de estarem lá mais seguras do que em casa ou na rua, junto de alguém que cuide delas. Os adolescentes anseiam por poder voltar a estar com os seus grupos de amigos. A todos falta a interação social que contribui para o desenvolvimento humano. Os níveis de estresse e as perturbações psicológicas estão aumentando (Alarcão, 2021, p. 18).

O relato da professora Aroeira, bem como a citação da autora mostram a realidade da educação e suas dificuldades e com ela a vontade de lutar por uma educação pública e de qualidade, é o esperar de Freire se manifestando: “A esperança de produzir o objeto é tão fundamental ao operário quanto indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas. Enquanto prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica”. (Freire, 2006, p. 32).

O autor escreveu *Pedagogia da Esperança* a partir de um momento de dor e, neste cenário pandêmico, muitas pessoas se sentiram Paulo. A educação foi tomada por uma dor avassaladora, tendo que lutar e resistir sem perder a esperança em dias melhores. Uma dor coletiva causada por vivências e sentimentos individuais, é o caso da narrativa a seguir.

Jurema, discente do 9º ano, trouxe um miniconto tomado pela tristeza, sentimento esse que não era só seu. “[...] Quando a pandemia começou, eu literalmente me despenquei, foi choque de realidade. Fiquei a pandemia inteira feito inútil. Não consegui estudar, sabe? Eu via os professores se esforçando. Eu não conseguia sequer fazer uma atividade. Eu vivi um mundo paralelo. Só depois percebi que muitos estavam como eu. [...]”. Vários foram os fatores que levaram os alunos a se sentirem sem utilidade, principalmente quando a escola já não era mais estímulo para “levantar”.

Neste contexto, a escola se deparou com a necessidade de atender as subjetividades de cada sujeito, ensinar, educar, acolher, motivar, entre tantos outros verbos significativos para o “levantar” de tantos que se encontravam como Jurema e, entre tantas incertezas de como fazer, a única certeza que se tinha era de não fechar os olhos para a situação e lutar.

Para Silva (2004, p.41) “Se cruzarmos os braços, assistiremos ao morrer dos sonhos, cultivaremos a desesperança, alimentaremos as discórdias, semearmos a revolta, criaremos falseadores, bajuladores, fortaleceremos as relações

competitivas, excludentes, podendo criar progressistas, conformistas ou fortalecer os sustentáculos de uma lógica classista”. As palavras da autora trazem o reflexo do cotidiano da escola, da luta diária no combate às ações que oprimem a sociedade e interrompe sonhos e até mesmo a vida.

Sobre o sentimento de perda, no qual poucos brasileiros saíram isentos, considerando o quantitativo de óbitos, no país, que ultrapassou 612 mil, Juazeiro, que cursa o 9º ano, traz em seu miniconto situação verossímil com a de muitos:

Muitas pessoas perderam parentes, amigos, oportunidades... e eu? Eu perdi meu gatinho, pode até soar infantil, mas ele era muito importante para mim. O mundo lhe deixa para baixo, quando você menos espera, você fica só, apenas sendo o espectador da sua própria vida, onde lhe impedindo de viver, além do mais, a vida não tem tanto sentido quando você olha a outro ângulo. Você pode ser quem você quiser, onde você pode mudar o mundo, mas se ninguém registrar isso, você cai no vazio do esquecimento. [...] (Discente Juazeiro).

Para amenizar a angústia causada pelo isolamento social, bem como a distância irremediável motivada pela morte, teve como tentativa de solução a busca por refúgios. A educação para muitos, principalmente estudantes e professores, tinha como um de seus papéis funcionar como saída para amenizar a dor, mas o panorama que se tinha era de portões fechados, estudantes sem acesso aos recursos digitais, professores se reinventando, fome, medo, tristeza e opressão.

Durante o ensino, professores precisaram mudar sua visão frente aos seus problemas e também de seus alunos. “Uma educação centrada na relação significa colocar o acento no que está ocorrendo na interação entre os professores e os alunos. Para alimentar essa relação, a pergunta fundamental e constante que o professor deve se fazer é a seguinte: Que necessidade tem esse aluno?, que necessidades têm esses alunos?”. (Casassus, 2009, p. 213).

A sala de aula virtual virou uma terapia coletiva, o conteúdo curricular foi substituído por temáticas pessoais, o professor virou terapeuta e os seus estudantes, pacientes, mas também teve o contrário. Todos no mesmo mar, mas não no mesmo barco. O momento pediu sensibilidade e flexibilidade no processo ensino-aprendizagem, mas que aprendizado?

Galvão e Saviani (2021, p. 42) retratam esse momento e respondem a pergunta da seguinte forma: “No “ensino” remoto, ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas. Do lado dos alunos, estes supostamente passam a ser “autônomos” e vão em busca do próprio conhecimento, assoberbados com a multiplicação de leituras, vídeos, *podcasts*, *webinários* etc”.

Teve muita responsabilidade, mas faltou aprendizado, teve muita tarefa, mas faltou conhecimento da realidade. Não se pode ensinar sem conhecer, não se pode educar sem sensibilidade. A práxis educativa deve olhar para as diversidades e acolher todos numa ação transformadora, garantindo uma educação gratuita e de qualidade.

#### **4. Considerações Finais**

A educação é um ato complexo que tem por objetivo educar, ensinar e até mesmo cuidar, com isso não cabe somente ao professor ministrar os conteúdos curriculares, a formação humana também é indispensável no processo de ensinar e aprender.

A escola como espaço social traz em seu cotidiano várias possibilidades de se trabalhar a formação humana, pois é neste ambiente que se encontram várias realidades, culturas, crenças, identidades e memórias.

Com a pandemia de Covid-19 o espaço educacional precisou ser fechado, a comunidade escolar teve que ficar isolada em casa, enfrentando o medo, a fome, a violência, o desemprego, a opressão, o ensino remoto e o novo normal.

Alunos e professores experimentaram a novidade e também os empecilhos nessa jornada pedagógica, sem recurso, sem internet, sem acesso à educação, realidade vivenciada principalmente pelos sujeitos da escola pública.

A desigualdade socioespacial ficou escancarada, a sala de aula virou uma tela, para os que tinham. Como ensinar? Como aprender? Como avaliar? Como incluir? Tantos questionamentos, quase sem resposta, as descobertas eram feitas conforme o caminho trilhado e, que nem sempre trazia boas novas.

O miniconto foi escolhido para a pesquisa e exposição dos sentimentos vivenciados pelos alunos e professores de uma Escola Municipal, situada na cidade de Fortaleza - CE, como recurso de expressão, manifestação e desabafo do cotidiano durante o isolamento social.

Os minicontos mostraram memórias de uma realidade que atinge as classes sociais mais vulneráveis, onde para estudar os alunos precisavam de um aparelho tecnológico, mas além de não ter nem o celular, também não tinham internet. Ter acesso à educação ou comprar alimento passou a ser preocupação diária dos responsáveis pela família e, diante disso, professores precisaram rever estratégias, flexibilizar, inovar, acolher, humanizar.

Outros fatores psicossociais também consequências da pandemia interferiram na educação. O desemprego, a fome, a violência doméstica, a doença, o medo, a ansiedade e o luto foram pontos expressados pelos sujeitos envolvidos na pesquisa como pontos desestruturantes do ser humano e que afetam diretamente de forma negativa o processo de ensino e aprendizagem.

Partindo das memórias expostas nos minicontos, das pesquisas bibliográficas e jornalísticas, é perceptível o quantitativo de Escolas, iguais a que serviu como campo para a pesquisa, espalhadas Brasil afora. A comunidade escolar situada no município de Fortaleza no estado do Ceará parece estar refletida em todos grupos sociais que enfrentam a vulnerabilidade, a luta pela sobrevivência, a resistência frente a uma sociedade opressora e o resgate diário do esperar.

Portanto, visto que as discussões sobre o aprofundamento das desigualdades causadas pela pandemia do Covid-19 ainda são recentes, propõe-se o desenvolvimento de estudos relativos à compreensão da educação neste período, trazendo as memórias e os diálogos dos sujeitos participantes da história, no intuito de construir debates críticos e reflexivos.

## Agradecimentos

Aos docentes e discentes sujeitos participantes da pesquisa que contribuíram grandemente, compartilhando os seus cotidianos, nos mostrando histórias reais de uma sociedade desigual e opressora, mas também de luta e resistência. Ao Instituto Federal do Ceará e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

## Referências

- Alarcão, I. (2021). Educação na pandemia e no pós-pandemia. *Revista Docent Discunt.* 2(1), 11-22.
- Antunes, I. (2003). *Aula de português: encontro e interação.* Parábola Editorial.
- Casassus, J. (2009). *Fundamentos da educação emocional.* UNESCO, Liber Livro.
- Ferreira, E. S. (2015). A memória como objeto de análise e como fonte de pesquisa em história da educação: uma abordagem epistemológica. *Revista Binacional Brasil Argentina - RBBA.* 4(1), 21-47. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/1427/1234>.
- Fialho, L. M. F., Vasconcelos, J. G. & Xavier, A. R (2018). *História, Memória e Educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos.* EdUECE, Folha de São Paulo. (2021). *Segundo IBGE, 4,3 milhões de estudantes brasileiros entraram na pandemia sem acesso à internet.* <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/04/segundo-ibge-43-milhoes-de-estudantes-brasileiros-entraram-na-pandemia-sem-acesso-a-internet.shtml>.
- Freire, P. (2001). *Ação cultural para a liberdade e outros escritos.* (9a ed.), Paz e Terra.
- Freire, P. (2007). *Pedagogia da Autonomia.* (35a ed.), Paz e Terra.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.* (13a ed.), Paz e Terra.
- Gaia, R. S. P. (2020). Subcidadania, raça e isolamento social nas periferias brasileiras: reflexões em tempos de COVID-19. *Revista Thema.* 18 (Especial), 92-110. <https://doi.org/10.15536/thema.V18.Especial.2020.92-110.1827>.

- Galvão, A. N. & Saviani, D. (2021). Educação na pandemia: a falácia do "ensino" remoto. *Revista Universidade e Sociedade*. (67), 36-49.
- Gil, A. C. (2019). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (6a ed.), Atlas.
- Goldemberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. (8a ed.), Record.
- Nova Escola. (2021). *O abre e fecha das escolas e os impactos nos professores*. São Paulo. <https://novaescola.org.br/conteudo/20271/o-abre-e-fecha-das-escolas-e-os-impactos-nos-professores>.
- Santos, B. S. (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Alameda.
- Santos, J. C. C. (2016). *O gênero miniconto por uma perspectiva bakhtiniana*. Maxwell. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28277/28277.PDF>.
- Silva, C. C. (2011). A Possibilidade da Didática na Perspectiva Fenomenológica. IN: Libâneo, J. C., Limonta, S. V. & Suanno, M. V. R. (ORGs). *Concepções e práticas de ensino num mundo em mudança: diferentes olhares para a didática*. CEPED/Editora PUC Goiás.
- Silva, S. P. (2004). A função social da escola. In: Almeida, A. M. B., Lima, M. S. L. & Silva, S. P (ORGs). *Dialogando com a escola*. (2a ed.), Demócrito Rocha.
- Schappo, S. (2021). Fome e insegurança alimentar em tempos de pandemia da Covid-19. *Revista Ser Social. Alimentação, abastecimento e crise*. 23(48), 28-52. [https://periodicos.unb.br/index.php/SER\\_Social/article/view/32423/28783](https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/32423/28783).
- Soja, E. (2015). The city and spatial justice. In: Anais...Annals of the Conference Spatial Justice, Paris, 2008. apud Canetti, T.; Pereira, T.; Liberato, R. C. Uma contribuição para o entendimento da segregação urbana: exploração, dominação e valorização. *Revista Espinhaço*. 4(1), 3-13. <http://www.revistaespinhaco.com/index.php/journal/article/view/73>.